

Calçada de Bauru, SP: caminhar e cartografar

Pedestrian street in Bauru, SP: walking and cartographing territories

Vitor Giulianetti Barros(1); Evandro Fiorin(2), Helio Hirao(3)

1 UNESP. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2146-8944>

2 UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-1461>

3 UNESP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0052-6788>

Revista de Arquitetura IMED, Passo Fundo, vol. 13, n. 2, p. 116-132, julho-dezembro, 2024 - ISSN 2318-1109

DOI: <https://doi.org/10.18256/2318-1109.2024.v13i2.5057>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

Resumo

Todo espaço é definido por meio de suas relações, por marcações de relações sociais no espaço-tempo em que se encontram, percebidas por quem habita o ambiente. Tais relações se encontram em processos de territorialização, tendo o ritmo como um de seus definidores, por meio de uma organização de intensidades no tempo, em encontros e relações, que só podem ser percebidas e imaginadas por meio de uma experiência existencial do espaço. Assim, busca propor uma pesquisa cartográfica que revele e reconheça as relações cotidianas no calçadão Batista de Carvalho na cidade de Bauru no estado de São Paulo. Nesse contexto, o propósito deste trabalho reside na compreensão das relações do calçadão, mediada pela prática do caminhar e da pesquisa cartográfica como processos metodológicos. O artigo começa com uma discussão teórica sobre o conceito de territorialidades e a relação do caminhar como recurso de pesquisa para se habitar o espaço. Buscamos apreender os ritmos, relações e limites do ambiente pesquisado. A seguir é feito um levantamento histórico do local a ser pesquisado. Por fim, procuramos apresentar os territórios que se mostraram presentes durante os diferentes dias de visita ao local como forma de registro, de um espaço que está prestes a ser revitalizado pela prefeitura da cidade. De forma conclusiva, anseia-se, através deste estudo, não apenas apreender e apresentar as relações e espacialidades do local, mas também desenvolver métodos e estratégias para representar visualmente os registros, de modo a permitir a partilha da experiência adquirida. Que por sua vez, pode ser uma valiosa ferramenta para compreensão, valorização e preservação dos espaços urbanos.

Palavras-chave: Cartografia. Caminhar. Territorialidade. Bauru.

Abstract

Every space is defined through its relations, by markings of social relations in the space-time in which they are found, perceived by those who inhabit the surroundings. Such relations are found in processes of territorialization, with rhythm as one of their definers, through an organization of intensities in time, in encounters and relationships, which can only be perceived and imagined through an existential experience of space. Thus, we seek to propose cartographic research that reveals and recognizes everyday relationships on the Batista de Carvalho pedestrian street in the city of Bauru in the state of São Paulo. In this context, the purpose of this work lies in the understanding of the pedestrian street's relations, mediated by the practice of walking and cartographic research as methodological processes. The article begins with a theoretical discussion about the concept of territorialities and the relationship of walking as a research resource for inhabiting space. We seek to understand the rhythms, relations and limits of the researched environment. Next, a historical survey of the place to be researched is carried out. Finally, we seek to present the territories that were present during the different days of visiting the site as a way of recording a space that is about to be revitalized by the city council. Conclusively, we hope, through this study, not only to understand and present the relationships and spatialities of the place, but also to develop methods and strategies to visually represent the records, to allow the sharing of the acquired experience. Which in turn, can be a valuable tool for understanding, valuing and preserving urban spaces.

Keywords: Cartography. Walk. Territoriality. Bauru.

Introdução

O presente trabalho busca realizar um reconhecimento do espaço dominado pelos pedestres do calçadão comercial Batista de Carvalho em Bauru – SP. A partir de uma experimentação do lugar pelos próprios pesquisadores vamos de encontro a uma modalidade de pesquisa que se constrói como um movimento dado pelos passos do caminhante e a sua peculiar apropriação de inventariamento, a qual infere algum tipo de invenção, ligada ao conceito de caminhografia (Rocha; Santos, 2024).

Esta modalidade de pesquisa consiste em registrar a cidade cotidiana e os seus acontecimentos ordinários e usuais. Assim, para além dos aspectos apenas físicos, buscamos construir um conjunto de singularidades de cada caminho, compondo um inventário das multiplicidades sensoriais ligadas ao espaço a ser pesquisado. Desse modo, esta pesquisa surge da oportunidade de pesquisar a vida cotidiana de um lugar importante na história da cidade de Bauru, apesar de estar prestes a ser revitalizado.

Nesse sentido, o foco da pesquisa é a caminhografia do calçadão, isto é, caminhar e cartografar os espaços da Batista de Carvalho. Para tanto, buscamos então reconhecer suas territorialidades, ritmos e corpos presentes no lugar, em diferentes momentos do dia e da semana. Uma tentativa de compor um inventário cotidiano, da vida que se desenvolve e se constrói nessa rua de comércio. Nesta possibilidade, a investigação propõe a criação de um tipo de inventariamento e registro da Batista de Carvalho, pela caminhografia, por meio de relatos, cartogramas e mapas de espacialização dos territórios. Com isso, buscamos tentar construir sentidos possíveis para esta espacialidade, por meio da observação, memória e da criação do caminhante.

Durante o tempo disponível para a pesquisa de campo, entre os meses de novembro e dezembro de 2023, foram realizadas três visitas ao local, em diferentes dias da semana e horários, como uma forma de conseguir capturar diferentes momentos e conformações que o calçadão manifesta ao longo do dia. O caminhar, parar e registrar, possibilitou a construção de uma percepção relacional, em uma constelação de usos e apropriações sobre as espacialidades que percorremos. Essa modalidade de pesquisa sobre o espaço estabeleceu resultados que podem ser compreendidos desde uma perspectiva cartográfica, habitando um território existencial, com a criação de cartogramas, que apresentamos ao final deste trabalho: os desdobramentos sensoriais cartografados pela nossa caminhografia.

A prática de pesquisa cartográfica

Neste escopo, acreditamos que para re-conhecer um espaço é necessário habitar o lugar que se pretende pesquisar. Por isso, o processo de caminhar e cartografar como forma de habitar um território existencial é essencial para o desenvolvimento do trabalho

e pesquisa no calçadão. O contato com o meio, através da repetição e hábito, gera processos engajados que possibilitam o registro e reconhecimento dos corpos que tomam para si suas espacialidades, através de seus próprios processos de habitação do espaço da Batista de Carvalho (Alvarez; Passos; 2009).

Para tanto, se fez valer do uso do smartphone para registro, tanto fotográfico quanto em textos, do processo de habitação do lugar, da experiência e percepções do pesquisador no espaço. Assim, o caminhar, parar e registrar a experiência vivida do calçadão, possibilita a criação de cartogramas, a partir do ponto de vista do observador em campo e suas percepções sobre as espacialidades e relações do calçadão da Batista de Carvalho.

Nossa caminhografia, compartilha das teses de Careri (2013), do ponto de vista dos relatos que se processam entre o caminho e a travessia dos territórios, além de abordar as intensidades que se produzem, ao percorrermos essas territorialidades (Rolnik, 2011). Um processo de produção de informação nova, alinhada, principalmente, às nossas sensações. Portanto, o reconhecimento de um território e a apreensão de suas territorialidades se redesenham aqui para inventar um trajeto polissensorial sobre uma calçada que contém um pouco de tudo na cidade. Desde passantes despercebidos, até o morador em situação de rua que, literalmente, habita essa realidade urbana.

Dessa maneira, as pistas da pesquisa cartográfica se apresentam como recursos de investigação para este trabalho. Ao habitar um território existencial e acompanhar os seus processos (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), se fortalecem as compreensões das territorialidades. Para tanto, o nosso engajamento no espaço é uma forma de compor um processo construtivo (Alvarez; Passos, p. 135). Ele se processa como criação de mapas abertos, que está ancorada no real e que se opõe a uma simples reprodução de dados cartográficos convencionais. De tal sorte, aqui: “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (Deleuze, Guattari, 2011, p. 30).

As espacialidades e territórios existenciais se conformam nos confrontos e vão sempre gerar limites, há uma demarcação mesmo que dinâmica, que define um espaço-tempo. Territórios são sobre tais limites, sobre estabelecer lados, faces e cenas (Brighenti; Kärholm, 2020, p. 139). As variações de escala e visibilidade trazem aos territórios multiplicidades, na interação e confronto em que cada território se define, fato que respalda o acesso engajado da cartografia com o meio, como método válido para a pesquisa do território cotidiano do calçadão.

Território que não é apenas um espaço delimitado, mas uma produção contínua de espaço habitado, um dinamismo, definido por marcas e ritmos (Deleuze; Guattari, 2012). Por meio de tais elementos que o espaço se territorializa, se torna reconhecido para quem o experiencia. Tal processo de territorialização é a organização em uma maneira específica das intensidades, que são as forças que atravessam corpos, ou seja,

tudo aquilo que afeta e é afetado pelo corpo.

Os territórios são, assim, operados de intensidades, que só se efetuam em máscaras, ou seja, como se apresentam ao mundo, nas complexas camadas que moldam as relações sociais, permitindo com que as intensidades flutuem entre diferentes territórios existenciais. As territorialidades do espaço trabalham e funcionam de forma assimilar aos movimentos do desejo, em que intensidades se efetuam e coexistem através da criação de máscaras (Rolnik, 2011, p. 31). Ou seja, as máscaras dão espessuras para as intensidades, as tornam visíveis e tangíveis.

A territorialidade não é definida pelo espaço, mas, na verdade, define o espaço por meio dos padrões de relações (Brighenti; Kärrholm, 2020, p. 22), que variam em escala, visibilidade, função e organização. São processos de formação de territórios, ou seja, o processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que continuamente redefine o espaço (Deleuze; Guattari, 2012). A prática territorial passa pela capacidade de se imaginar diferentes relações possíveis de estarem sendo praticadas em determinado espaço. É a imaginação que possibilita a classificação, distinção e reconhecimento dos territórios (Brighenti; Kärrholm, 2020, p. 23-24).

O território também surge a partir da expressividade do ritmo (Deleuze; Guattari, 2012, p. 127), isto é, cada expressão do espaço se faz existente em suas diferenças, em seus limites. Visto que “é a diferença que é rítmica, e não a repetição” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 126), o ritmo é sobre a passagem, a mudança de um meio para o outro, de um território existencial para outro.

Há uma dualidade racional e emocional em relação à questão rítmica, ela surge regulada pelo tempo, governado por leis racionais, mas se confrontado, tem contato com um lado humano menos racional, o corpo (Brighenti; Kärrholm, 2020, p. 157). A ritmicidade então é um fenômeno corpóreo, através dele o ritmo é percebido, possibilitando imaginar e delimitar territórios. Portanto, o processo de acompanhar e habitar o espaço para o reconhecimento e revelação de territórios, se torna importante, “não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnado nas situações” (Alvarez, Passos, 2009, p. 147).

O acesso engajado com o meio, através da caminhografia, permitiu a apreensão de diferentes territórios e relações que se desenvolvem na Batista de Carvalho. Desde como o desenho do calçadão e o clima interferem e orientam a ocupação do espaço pelos corpos que o habitam. Como diferentes transeuntes se especializam e se territorializam, a depender do local em que se encontram, ou a ação que praticam no momento. Assim como definições do espaço físico demarcam territórios para si, indicando espacialidades e usos. Tudo é possível a partir da percepção e habitação do lugar pelo pesquisador, num processo de produção a partir de nossas sensações sobre o território.

O calçadão batista de carvalho

A cidade de Bauru possui cerca de 380.000 habitantes, localizada na região centro-oeste do interior paulista. Assim como outras cidades da região, a formação da cidade se inicia no meio do século XIX e é com a chegada das ferrovias no começo do século XX que seu desenvolvimento tanto populacional quanto econômico se torna maior (Ghirardello, 2020).

Os quarteirões de um a sete da Rua Batista de Carvalho em Bauru, onde a pesquisa é realizada, formam o icônico calçadão da Batista de Carvalho na cidade “sem limites”. Conhecido como é visto hoje foi inaugurado em 21 de agosto de 1992, passando-se mais de 30 anos de sua existência e considerado até então a maior obra do então prefeito Izzo, frente a seu mandato na cidade.

Na época de sua construção e inauguração como calçadão, houve divergências de opinião tanto da população quanto dos comerciantes. Como é noticiado pelo Jornal da Cidade, a população se manifestou de forma variada, alguns acreditavam que seria bom devido a circulação tranquila dos pedestres, enquanto outros se preocupavam com o trânsito que o fechamento da rua causaria na área central. Entre os comerciantes, se dividiam entre o otimismo de melhora para as suas vendas com a nova configuração do espaço, e o pessimismo de uma confusão que poderia se dar, com a possível permissão do comércio ambulante no local. (Começa [...], 1992, p. 9)

Ainda nesta época as divergências não acabaram entre cidadãos e comerciantes, houve também divergência política em relação ao futuro calçadão. Construído em ano eleitoral, o atual prefeito via a vocação da cidade Bauru como o comércio e a revitalização do centro comercial da cidade passava pelo calçadão (Vestido [...], 1992, p. 7). Enquanto a oposição criticava o dinheiro gasto com a execução da obra e, principalmente, irregularidades apresentadas no edital de convocação e licitação sobre o projeto das coberturas que fizeram duas das três empresas concorrentes serem desqualificadas (Ata [...], 1992, p. 3).

Figura 1 - Calçadão no ano de inauguração, em 1992.



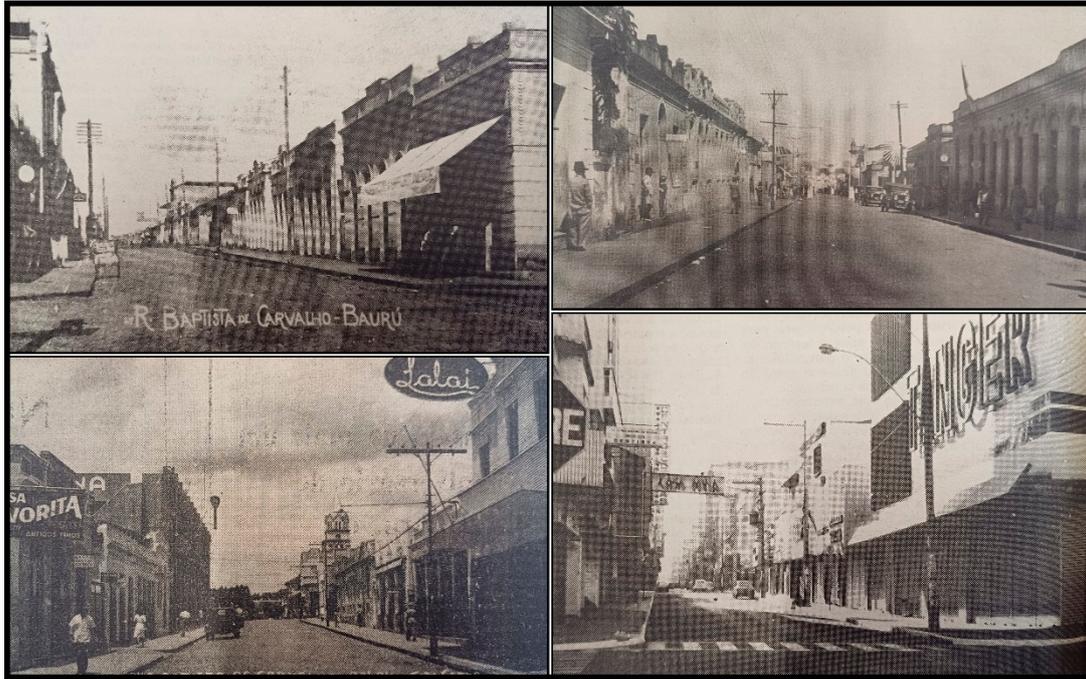
Fonte: página “A Bauru Que Não Vivi” no Facebook (Disponível em <https://www.facebook.com/photo?fbid=1654215914860912&set=a.1665105847105252>)

Contudo, anterior ao calçadão e até mesmo a nomenclatura de rua Batista de Carvalho, homenagem ao antigo morador da rua e importante figura no processo de ocupação inicial da cidade, a via não teve nome oficial no início de sua história. Na época era responsabilidade da municipalidade decretar os nomes das vias, visto que os vereadores e prefeito esqueceram de sua denominação, é dito que João Batista de Carvalho, em tom de brincadeira, fez uma placa de madeira escrito “Rua dos Esquecidos” e a fixou a vista de todos que passavam pelo local, gerando reações diversas nas pessoas (Batista [...], 1986, p. 10).

Embora tal história possivelmente não passe de uma lenda da cidade e da rua, é fato que ela ficou sem nome oficial durante as fases iniciais da cidade. Mas como é apontado por Ghirardello (2020, p. 194), foi possível descobrir, por meio dos anúncios de lojas nos jornais da cidade desta época, que a rua era tratada pela população como “Rua da Estação”, pois a via tinha destino até as estações de trem da cidade.

Foi por sua localização, como “Rua da Estação”, que com a chegada da companhia ferroviária Sorocabana na cidade, ocorreu a mudança do eixo comercial da cidade, que antes era norte-sul na Rua Araújo Leite, e passa a ser leste-oeste na Rua Batista de Carvalho (Ghirardello, 2020, p. 193). Desde então, o caráter comercial da via foi se desenvolvendo, como pode ser visto ao longo dos anos, com criação de novas lojas, troca de calçamento, adequação do sentido da via para comportar o tráfego, até a criação do calçadão em 1992 como já foi mencionado, que dá a rua o aspecto que detém até hoje.

Figura 2 - Batista de Carvalho nas décadas de 20, 30, 50 e 80.



Fonte: elaborado pelos autores (2024) a partir de imagens do Museu Ferroviário Regional de Bauru.

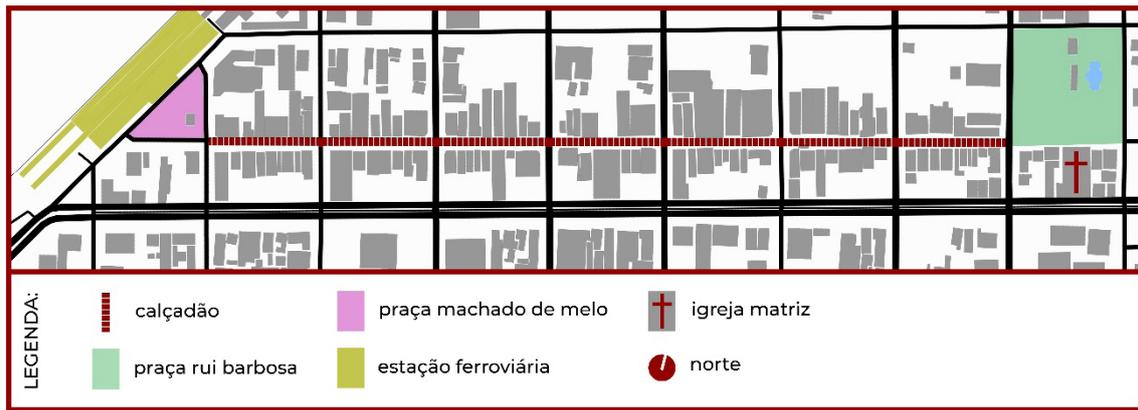
Algo comum foi notado na escrita dos jornais pesquisados. Sempre que se lembravam da rua Batista de Carvalho em um período anterior, independente quanto tempo havia se passado, a matéria aparecia em tom saudosista sobre tal época que já não existia mais. Era comentado como a rua e a cidade, em combinação, eram mais tranquilas, ao mesmo tempo que lembravam do desenvolvimento e crescimento como algo bom, apesar do apego ao passado mais calmo.

Desde sua criação, o calçadão não passou por grandes reformas, perceptível na sua condição atual, pois há sinais de desgaste em geral, como em qualquer espaço público. Com isso a prefeitura no mês de novembro de 2023 homologou a licitação para revitalização do local a partir de janeiro de 2024, com duração prevista de 14 meses. É esperado com o projeto a troca do piso de pedra portuguesa para intertravado e concreto, substituição das coberturas de policarbonato nas extremidades do quarteirão e retirada dos arcos centrais para criação de um boulevard verde. Além da substituição de bancos, postes, lixeiras, floreiras e instalação de bicicletários. (Moraes, 2023)

A caminhografia do calçadão

Visto que o calçadão é uma rua retilínea que se delimita em sua extensão por sete quadras, que vão desde duas praças, a Machado de Melo (antigas estações ferroviárias) e a Rui Barbosa (praça da igreja matriz), objeto de estudo não é extenso, que permite seu percurso em pouco tempo. Em cada dia eram apreendidas diferentes movimentações, territorialidades e corpos que habitavam aquele espaço.

Figura 3 – Calçadão Batista de Carvalho.



Fonte: elaborado pelos autores.

O início do calçadão foi marcado por uma quantidade relevante de comércios fechados, que apresentavam pichações nas fachadas, existentes durante todo o percurso, contudo com maior visibilidade e frequência em tal recorte. As intervenções estavam presentes também nos arcos das coberturas que variam entre escritas, desenhos e cartazes colados, estes que também eram colados nos postes de energia, variando de manifestações artísticas, publicidades e cartazes de animais desaparecidos. Essas diversas manifestações criam para si diferentes territórios, por meio de seus impactos na paisagem de um espaço que é pensado para o pedestre caminhar e realizar compras, ou seja, através de sua temporalidade que instaura outro tempo, diferente do tempo capitalista e material que é previsto.

No primeiro dia de visita, enquanto se esperava em uma lanchonete no segundo quarteirão, também prestava atenção na conversa entre a funcionária do estabelecimento e uma cliente sobre o calçadão. Elas comentaram que o local havia pouco movimento e os aluguéis eram caros, fazendo com que existissem muitas lojas fechadas, além disso, se referiram aos dois primeiros blocos da rua como quadras mortas, devido a sua pouca utilização. Seguido de uma reclamação sobre a prefeitura realizar muitos eventos na praça principal (Rui Barbosa) e não na praça de baixo junto a estação fechada como forma de trazer mais pessoas para frequentar os quarteirões iniciais do calçadão.

Figura 4 - Gestos do passado.

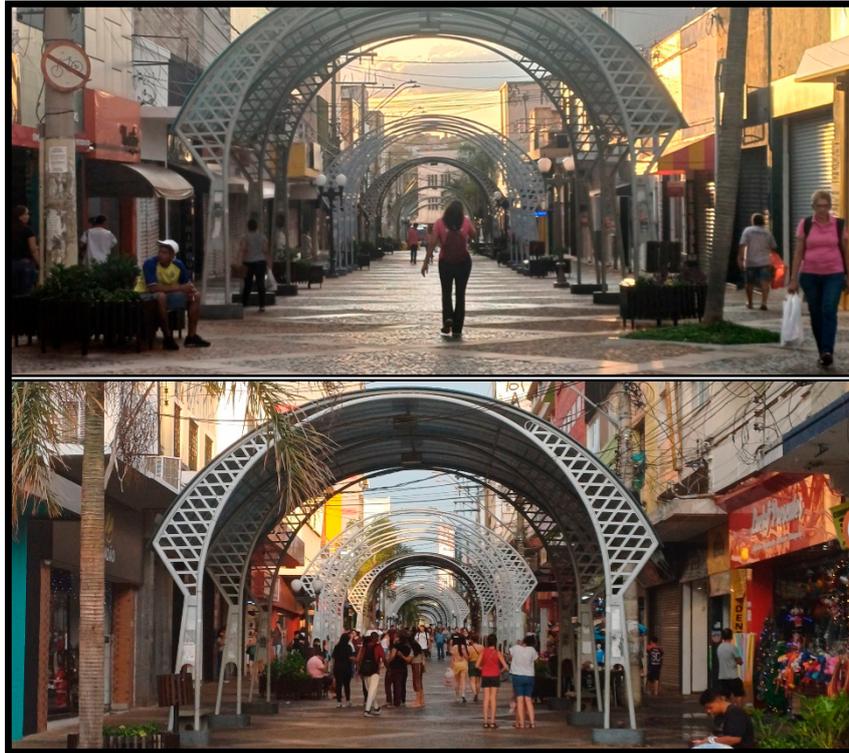


Fonte: elaborado pelos autores.

O calçadão, mesmo que em uma escala muito inferior à da cidade, reflete um aspecto muito frequente destas, a atenção mais voltada ao centro que a periferia. Neste caso, o centro estaria mais relacionado aos últimos quarteirões, que se aproximam da Praça Rui Barbosa, e a periferia a outra extremidade, a Praça Machado de Melo, marcada pela antiga estação ferroviária abandonada. Tal situação, se dá pelos próprios comerciantes, que veem nos quarteirões finais maior oportunidade devido ao maior fluxo, contudo, como observado na fala da comerciante, não parece existir um incentivo suficiente para que o calçadão como um todo se movimente por igual.

A conversa escutada logo no início de toda pesquisa no campo, permitiu uma primeira direção ao nosso olhar para com o calçadão, ao colocar de lado os dois primeiros blocos em comparação com os outros cinco. Ao fazer associação da maior presença de pixações nos quarteirões mais vazios, 1 e 2, é refletida a imagem que as duas pessoas da lanchonete possuem da falta de interesse por parte dos diferentes atores do espaço urbano, público e privado. Parece que para o interesse particular é mais lucrativo o espaço vazio, do que possivelmente adequar o valor de aluguéis com a realidade do espaço, ao passo que o público volta seu foco para o outro lado, mais consolidado. Tais marcas e signos desse espaço não devem ser vistos como uma simples degradação do ambiente urbano, mas uma forma de protesto com a diferença de tratamento que existe para com tal espaço encontrado numa escala pequena, de sete quadras, situada no ambiente de uma cidade.

Figura 5 - Quarteirões 1-2 e 3-7.



Fonte: elaborado pelos autores.

Desde a implementação da ferrovia na cidade, a rua Batista de Carvalho se tornou um dos principais eixos do comércio na cidade, com isso é muito proeminente o impacto das lojas no local na demarcação de seus territórios. Não apenas no sentido de sua fachada limitar uma pequena área à sua frente, há outros elementos e formas de ocupação que alteram e ampliam a área de afetação do comércio. Há nas esquinas, vendedores com suas barracas, como “ambulantes fixos”, onde a própria venda marca seu espaço na calçada, estando em funcionamento ou não.

Nesse sentido, durante nosso processo de caminhografia, as demarcações territoriais mais claras e visíveis se compuseram com as lanchonetes, bares e restaurantes que ocupam o espaço em frente com suas mesas e cadeiras, expandindo sua área e capacidade de público. Algo observado nos dias mais quentes era que algumas lojas, que funcionavam com portas abertas e com o ar-condicionado ligado, ampliaram sua ambiência e microatmosfera interna para quase metade do calçadão pelo ar frio que escapava. Essas influências no espaço demonstram territorialização intencionais e não-intencionais, respectivamente, uma por ocupação física outra pela tatilidade ao se deparar com a variação de temperatura.

Uma característica da Batista de Carvalho, também apreendida nesse mesmo aspecto, se dá pelos lojistas que ocupam o espaço externo, seja com microfone fazendo propaganda ou convidando, por meio de uma conversa, quem passa para conhecer a loja, onde você encontra uma roupa do seu estilo ou novidades. Eram funcionários de lojas do calçadão ou da rua adjacente, tendo em vista que é local com maior

movimentação, estas lojas adjacentes criam à sua maneira territórios nômades no calçadão, com os trabalhadores que ficam se movimentando próximos às esquinas e tentando atrair clientes para o local com menos visibilidade e movimentação de pedestres.

As lojas possuem sua definição territorial demarcada fixamente no espaço e naturalmente se expandem com suas vitrines e placas, como forma de atingir mais potenciais consumidores. Esse território comercial e fixo se demarca no ritmo do horário comercial, que se define pela abertura e fechamento dos estabelecimentos. Contudo no Calçadão da Batista de Carvalho, a atuação dos lojistas expande esse território, criam uma indefinição com seus limites, ao convidarem os transeuntes para comprar eles invadem territórios outros, como forma de absorver esse outro para si. Se formando um movimento de desterritorialização e territorialização do lojista com a pessoa, numa tentativa de desterritorialização e territorialização da pessoa com a loja. Eles definem ritmos para o local, ao efetuarem a troca de meios, entre a pessoa que se encontra de passagem pelo calçadão com o espaço da loja.

Figura 6 - Territórios ocupados e ampliados.



Fonte: elaborado pelos autores.

Há os territórios que se criam com a relação de diferentes corpos presentes no espaço. Algo comum e frequente, visto todas as vezes, é a passagem do carro da polícia militar fazendo a ronda do local. A presença da polícia é, de certa forma, intimidadora num espaço a ser ocupada por pessoas que visam fazer a suas compras, e a presença em um carro é ainda maior, pois o veículo além de ocupar mais espaço, tem todo o

ruído do motor como intruso, que não deveria estar presente em uma via de pedestre, forçando as pessoas e se desviarem para a passagem do policiamento.

As pessoas que ora desviam do carro, se comportam de diversas maneiras no calçadão, a depender do clima, horário, intenção de uso do espaço. Tanto a observação sobre o movimento local, quanto o nosso caminhar, teve uma tendência a se concentrar nas laterais do calçadão, contudo nos dias de sol, a sombra é definidora no fluxo do espaço, nas horas antes do meio-dia há sombra apenas de um lado, fazendo a concentração de pessoas se concentrar ainda mais nas bordas e para tal lado em específico. Além do fluxo, a sombra influência nas pausas, os bancos utilizados são os sombreados e por nem todos estarem na mesma condição, as pessoas readéquam a estrutura e o design local para a função que de fato desejam, como é característico o uso da base estrutural dos arcos, que se encontram sombreados, como assentos.

Figura 7 - Fluxos e pausas.



Fonte: elaborado pelos autores.

O calçadão não é uma passagem contínua, há quebra por outras vias que cruzam as sete quadras que o compõem, sendo o semáforo um grande definidor do ritmo desse espaço. Ele faz com que as pessoas se concentrem quando o sinal está fechado, como consequência quando abre, há um grupo que se movimenta em grupo na próxima quadra, o semáforo é um definidor de continuidade e descontinuidade, pela quebra e organização do ritmo no fluxo de pessoas e automóveis. O semáforo funciona na diferença, ao permitir e proibir as passagens, seja de veículos ou de pessoas, faz troca entre um território estacionário com outro em movimento. Apenas com a repetição

de observações sobre esse movimento de pausa e aceleração, permitiu inferir o real o impacto que essa melodia gera no espaço, pois esperar um semáforo abrir para atravessar a rua é algo ordinário na vida da cidade, e a influência que se provoca no ritmo e uso do espaço pode não ser notada.

Ao contrário do fluxo de corpos em conjunto, há movimentos individuais. O gari que passa com a lixeira durante seu expediente, por exemplo, tem um espaço próprio para que não seja atrapalhado, permitindo a limpeza do local. Embora seja proibido bicicletas, é frequente o uso no local, que assim como o carro, é necessário se desviar para evitar qualquer acidente. Outra presença, era um cantor com o violão, que de fato demarcava seu território através do som e pela interação com quem estava passando.

Figura 8 - Corpos conjuntos - corpos individuais.



Fonte: elaborado pelos autores.

É possível considerar o design como o primeiro delimitador e conformador de territórios no espaço, os arcos juntos com os postes de energia criam uma centralidade e vias laterais que espacializam três opções de fluxo. Os bancos, coberturas e ocupação das lanchonetes com mesas por sua vez delimitam locais de pausa e espera no ambiente.

É importante ressaltar que, como coisas comuns, são cruciais para delimitação dos territórios do calçadão. A posição do sol pela criação de sombras define o espaço mais confortável para se estar; o horário do comércio indica o motivo de se estar ali; o carro policial limita a passagem de pessoas pelo centro; e, principalmente, o semáforo que agrupa e libera grupos de pessoas para acessarem o próximo quarteirão.

Essas coisas cotidianas, na verdade, delimitam o território através de ritmos, por marcações ao longo de um tempo finito. Elas alteram as territorialidades por meio da continuidade e descontinuidade de movimentos.

Figura 9 - Cartograma de territórios.



Fonte: elaborado pelos autores.

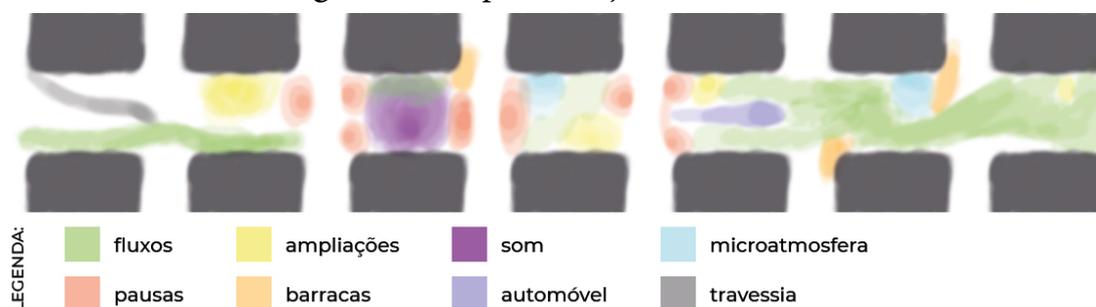
O trabalho propôs uma cartografia para além dos mapas oficiais, das fotografias para publicidade, buscou-se registrar a vivência, os usos, as ocupações do espaço que se configuram na ação e interação dos corpos, sendo através do caminhar, viver por si, e construir a percepção do espaço não imposta, mas construída com o meio em sua cotidianidade (Autor, 2020). A cartografia então surge para, além de um mapa físico, registrar a vida no espaço do calçadão, suas ações e interações.

Re-conhecer o maior fluxo e uso nos quarteirões de 3-7, enquanto se apresenta maior esvaziamento nos dois primeiros blocos. Compreender que as pausas do semáforo criam espacialidades de espera, aglomerando pessoas nas esquinas, que esperam sua vez de atravessar. Mostrar que, além do espaço físico das lojas edificadas, há ampliação territorial através do uso de cadeiras e mesas, em conjunto com o comércio ambulante, com barracas que ampliam seus espaços com o próprio corpo. Marcar as microatmosferas vindas do ar-condicionado das lojas e criadas pelo músico de rua, táteis e sonoras, respectivamente. Retratar as travessias de bicicletas e automóvel policial que reclamam para si, seus espaços.

Assim a cartografia, não tem um fim delimitado, pois toda produção é diferente uma da outra, mesmo que feita sobre um mesmo percurso (Autor, 2023, p. 164). Como nosso caso, embora o espaço não seja grande e o percurso marcado pela linha reta, a

cada dia as apreensões eram diversas. Registrando aqui uma composição das diferentes percepções, como um imaginário de sua vida cotidiana, para além que se vê num mapa oficial.

Figura 10 - Espacialização de territórios.



Fonte: elaborado pelos autores.

Considerações Finais

Podemos dizer que a caminhografia, como processo engajado no território, permitiu apreender sobre a complexidade de relações presentes no espaço, mesmo num cenário que possa parecer simples e casual, como o de um calçadão comercial de uma cidade interiorana. Caminhar, parar e habitar a Batista de Carvalho, em diferentes dias, possibilitou diferentes experiências existenciais do espaço, o que permitiu a multiplicidade de pontos de vista. O mesmo território, experienciado de um outro ângulo, gera outras interpretações de seus movimentos de territorialização e desterritorialização. Diversas relações, que antes poderiam passar despercebidas, pelo processo de repetição e atenção, se revelaram.

Assim cada prática do espaço é uma prática territorial, clama para si seu lugar. Cada corpo cria seu território relacional entre si, conformando, desse modo, a territorialidade do Calçadão da Batista de Carvalho. É diante de tais relações territoriais que um espaço ordinário da vida cotidiana apresenta sua complexidade. A caminhografia, como recurso neste trabalho, possibilitou desvelar as espacialidades do calçadão a partir do ponto de vista do pesquisador, de seus relatos, memórias e observação. De fato, cada visita foi confirmando que a pesquisa cartográfica é sempre resultante de habitar um território existencial, por meio de acompanhamento de processos. A revisão e análise das imagens, vídeos e anotações registradas e a criação dos cartogramas, permitiu através da colagem de informações, novas associações que antes poderiam estar ocultas, ou apenas não pensadas lado a lado. Elas surgiram como uma nova revelação sobre a territorialidade e ritmicidade do lugar. Se processam aqui como sentimentos, sensações e corporeidades.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Referências

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.
- ATA da abertura da licitação apontava irregularidade. *Jornal da Cidade*, Bauru, 7 ago. 1992, p. 3.
- BATISTA, a rua dos Esquecidos. *Bauru Ilustrado*, Bauru, jul. 1986, p. 10.
- BRIGHENTI, Andrea Mubi; KÄRRHOLM, Mattias. *Animated Lands: Studies in Territorialology*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2020.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- COMEÇA a cobertura do Calçadão. *Diário de Bauru*, Bauru, 07 ago. 1992, p. 9.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrênia 2, vol. 1*. 2 ed. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrênia 2, vol. 4*. 2 ed. Coleção TRANS. São Paulo: Editora 34, 2012.
- Autor. *Título*. Tupã: ANAP, 2020
- GHIRARDELLO, Nilson. *Bauru em Temas Urbanos*. Tupã: ANAP, 2020.
- MORAES, Tisa. Com arborização, revitalização do Calçadão de Bauru vai começar em janeiro. *Jornal da Cidade*, Bauru, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2802002/geral/2023/11/com-arborizacao-revitalizacao-do-calçadao-de-bauru-vai-comecar-em-janeiro> Acesso em: 11 jan. 2023.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024.
- Autor. *Título*. *Revista Poiésis*, 2023.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.
- VESTIDO de preto, Izzo inaugura o calçadão. *Jornal da Cidade*, Bauru, 22 ago. 1992, p. 7.